



# cruzamento

PUBLICAÇÃO DA RESPONSABILIDADE PARÓQUIA DO SENHOR JESUS DO PADRÃO DA LÉGUA

DIRECTOR: PADRE  
JOAQUIM MARIO  
AREAL ANDRADE

## EDITORIAL

### ABRAÇADOS PELA MISERICÓRDIA

Em Ano Jubilar extraordinário que o Papa Francisco convocou para todos nos abriremos mais à misericórdia do Pai, estamos a celebrar a Páscoa, sem dúvida o ponto alto em que Deus torna presente a sua misericórdia.

Toda a paixão de Cristo, mostra quão apaixonado está Deus por nós, sendo capaz de tudo para nos mostrar o seu amor. O sofrimento e morte de Cristo não é um fim em si, mas uma abertura à ressurreição, à Vida Nova que Deus a todos chama. E chama-nos porque nos ama.

Mais que toda e qualquer falta que possamos ter, mais do que qualquer virar de costas a Deus que possamos ter feito, mais do que qualquer negação, traição ou indiferença, Deus está sempre a mostrar-nos a sua infinita misericórdia, convidando-nos a sentir o seu eterno amor.

S. Paulo, de uma forma clara, escreveu aos Romanos: "Quem poderá separar-nos do amor de Cristo? Mas em

tudo saímos mais do que vencedores, graças àquele que nos amou" (Rom 8,35.37).

Assim, ao celebrarmos em mais um ano as festas pascais, deveremos abri-nos a Deus para sentirmos em nós o abraço misericordioso de Deus Pai, que nos quer acolher no seu amor.

O Pároco

*Saudação:*

**O Senhor ressuscitou.**

**R. Aleluia! Aleluia!**

**O Deus da Misericórdia nos salvou.**

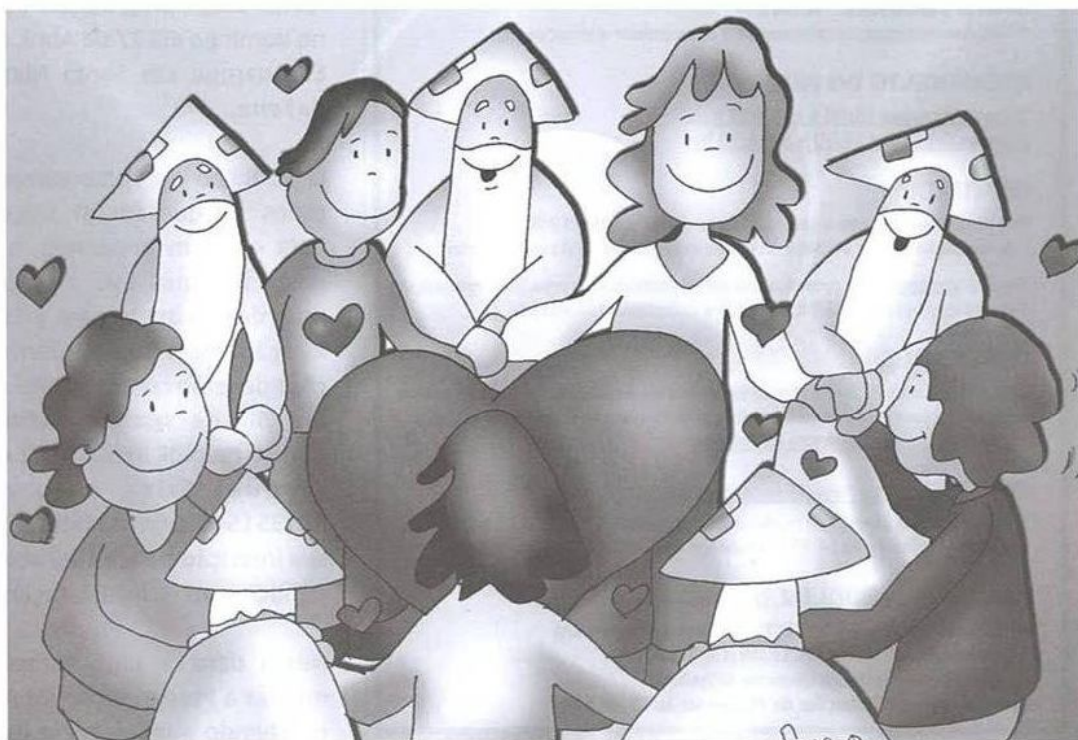
**R. Aleluia! Aleluia!**

**Um tempo novo começou.**

**R. Aleluia! Aleluia!**

**Cristo ressuscitado vos abençoe na paz e vos dê a felicidade de viverdes numa casa rica de misericórdia!**

**R. Ámen. Aleluia! Aleluia!**





## JUBILEU E PEREGRINAÇÃO DOS FRÁGEIS

A nossa vida é perecível, e, de uma forma ou de outra, lá sofremos com as doenças ou a idade. Frágeis são todos aqueles que, devido à sua condição de saúde ou de idade, já não

podem fazer a sua vida normal. Isso leva a que também a sua vida religiosa seja menor porque a participação na comunidade cristã, juntamente com os outros cristãos, nem

sempre, ou raramente, é possível.

Mas a comunidade cristã não os esquece. Rezar por eles é apenas uma preocupação, porque também dispensa o sacramento da unção dos enfermos, além de querer que, em certos momentos, também estejam presentes.

Em Ano Jubilar da Misericórdia, a Peregrinação dos Frágeis tem por lema "Contemplando o rosto de Jesus", como um convite a todos os frágeis a encontrarem confiança em Jesus. Esta Peregrinação será no domingo dia 17 de Abril, no Europarque em Santa Maria da Feira.

O Sr. Bispo do Porto convida todos os que forem frágeis para estarem presentes, e a nossa paróquia está a preparar o devido apoio para a deslocação. Para mais informações deverão contactar, até ao dia 30 de Março, **Fátima Carmo** pelo nº 965096882 ou **Manuel Silva** pelo nº 939351569, a fim de fazerem a sua inscrição e poder ser coordenado o apoio à deslocação.

Nessa data, e para complementar a Peregrinação Jubilar recebendo a indulgência pela

## REGISTOS PAROQUIAIS

### Bodas de Prata

José Francisco Ferreira Vaz  
e Carla Cristina Silva Lopes Vaz

### Óbitos

Albina Martins da Silva  
Adosinda Nunes da Cruz  
Alcino Augusto Gonçalves Ramires  
Ana Eduarda Ribeiro  
Basílio Ferreira Martins  
Beatriz Duarte da Costa  
Carlos Pereira  
Filomena Laura da Silva Pereira  
Joaquim António Almeida Cardoso  
José Carvalho  
José Herculano Moreira Neto  
José Manuel Rocha  
José Nogueira da Silva  
Lucília Ferreira  
Maria Amélia Ferreira

participação, também estará presente no local a imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima, que, na preparação do centenário das aparições de Fátima, está a percorrer o país. Será mais uma razão para estar presente..

## HORÁRIOS PAROQUIAIS

### EUCARISTIAS DOMINICAIS:

Sábado: 19:00 h

Domingo: 09:30 h e 11:30 h

\* Nos Avisos semanais informar-se-á de eventuais alterações

### EUCARISTIAS SEMANAIS:

De terça a sexta-feira: 19:00 h

\* Nos Avisos semanais informar-se-á de eventuais alterações

### ATENDIMENTO DO PÁROCO:

Terças-feiras das 18:00 h às 18:30 h

Quintas-feiras das 18:00 h às 18:30 h

### BAPTIZADOS:

Nos domingos segundo a calendarização afixada, pelas 12:30 h

\* A marcação deverá ser feita no Cartório até ao dia 15 do mês anterior

**Nota:** É obrigatória a presença dos pais e padrinhos na reunião preparatória, que terá lugar pelas 21:30 h, segundo a calendarização afixada

### CASAMENTOS:

Pelo menos cerca de **meio ano** antes da data do casamento deverão os noivos comparecer para se dar início a todo o processo de casamento, que inclui a participação num Encontro de Noivos

### CATEQUESE (No Novo Espaço Paroquial):

A secretaria está aberta nos horários da catequese:

Sábado às 10:00 h e às 14:30 h; Domingo às 10:30 h

### CARTÓRIO PAROQUIAL (Junto do início da rampa):

Está aberto das 18:00 h às 19:30 h de **terça a sexta-feira**

Aos **sábados** está aberto das 17:00 h às 18:30 h

Aos **domingos e feriados** encontra-se fechado

Para marcação de **Intenções de Missas** até às 18:45 h

## RÚSSIA

MOSCÓVIA, SÉRGUEI POSAD E S. PETERSBURGO

7



PARÓQUIA DE PADRÃO DA LÉGUIA

Acompanhado pelo Rev. mo Senhor Padre Joaquim Mário Andrade

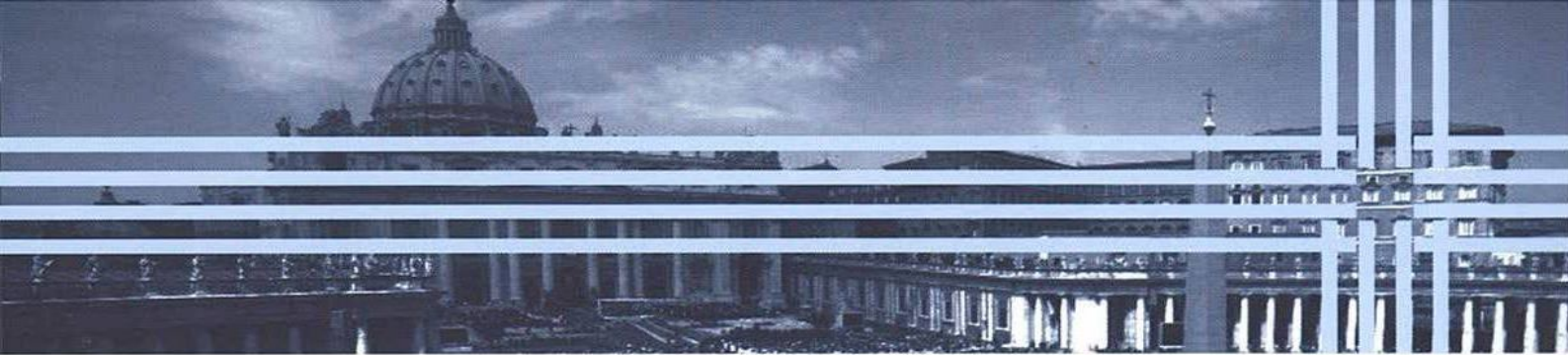
31 DE JULHO a 06 DE AGOSTO DE 2016

LUGARES LIMITADOS | INSCRIÇÕES ATÉ 20 MARÇO 2016

informações e inscrições:  
PARÓQUIA DE PADRÃO DA LÉGUIA  
Rev. mo Sr. P. e Joaquim Mário Andrade  
TEL.: 229119663

GeoStar  
sistema  
navigo





PELA IGREJA

## MÉDICOS CATÓLICOS E A LEGALIZAÇÃO DA EUTANÁSIA

A sociedade portuguesa foi confrontada, mais uma vez, com uma proposta que atenta contra a vida humana: a legalização da eutanásia; esta é apresentada sob a aparência de um acto de misericórdia e escondida numa capa de compaixão, procurando ocultar a realidade do que se propõe: tornar legal que os médicos matem, a pedido, determinados doentes. Apelidada, de forma camuflada, de “morte assistida” ou de “morte com dignidade”, a eutanásia é entendida como um direito, um exercício de liberdade de pessoas com doenças incuráveis e em sofrimento intolerável, exigindo-se, para isso, por parte dos médicos, o dever de matar os doentes, a seu pedido.

No pressuposto de que a vida não tem sempre o mesmo valor e de que há vidas e fases da vida que podem ser “descartadas”, considera-se que a pessoa concreta, afectada pelo sofrimento, com uma doença incurável ou muita idade, se transforma numa vida indigna e prescindível.

Por detrás desta aparente morte misericordiosa existe o risco de os interesses economicistas

aflorarem como prioridade numa sociedade onde a pessoa real, o cidadão individual, deixou de ser uma prioridade. Na sociedade do “bem-estar” e da “qualidade de vida”, regida exclusivamente por parâmetros economicistas, a visão do ser humano é totalmente orientada por critérios de utilitarismo, para os quais os cidadãos apenas têm valor se “forem úteis” à sociedade. A marginalização crescente e totalitária dos fracos, dos doentes, dos deficientes, dos que sofrem, dos que não têm voz, tornou-se institucional e aparece camuflada sob rótulos de eficiência e de eficácia.

Num contexto de envelhecimento da população e de crise económica, é bem aceite pelos Estados a proposta de, face aos custos crescentes na saúde, se suspenderem os tratamentos mais onerosos a doentes mais idosos ou declarados incuráveis.

Mas há, ainda, outros riscos, relativos a pessoas jovens, com patologias crónicas, abrindo-se a porta a que, em nome do exercício da liberdade e da autonomia, as pessoas não sejam ajudadas a viver a doença, mas,

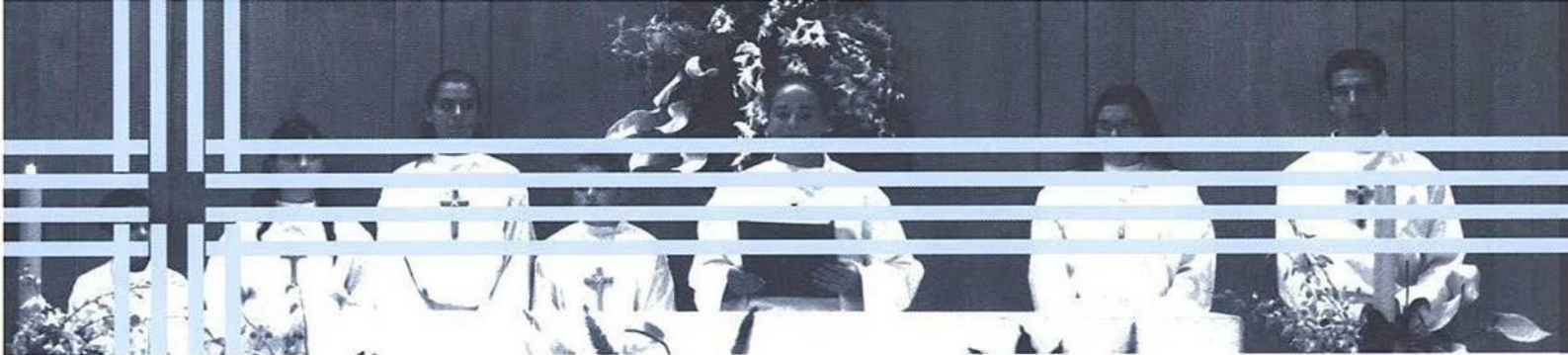
sim, encaminhadas a acabar com a sua vida.

Perante o facto de um atentado contra a vida humana, não podem os médicos, no exercício da sua acção profissional, praticar a eutanásia, como consta do seu código deontológico, pois o dever do médico, reiteradamente reafirmado no juramento de Hipócrates, é defender a vida humana, respeitando-a, procurando preservá-la e cuidar dela, usando todos os meios disponíveis para aliviar o sofrimento dos doentes. Se este princípio fosse quebrado, ficariam sem confiança nos médicos aqueles que os procuram e que deles precisam. Os médicos, numa atitude de cuidado e de proximidade com as pessoas, tudo devem fazer para que, com a sua competência e dedicação, a vida seja protegida em todas as fases do seu desenvolvimento, incluindo a do seu fim.

Para a Associação dos Médicos Católicos Portugueses é incompreensível que a sociedade não se preocupe em investir nos cuidados de saúde de modo a proporcionar aos doentes todos os cuidados necessários à sua situação concreta; estra-

nha-se, na verdade, que, em vez de se apresentarem propostas para melhorar os cuidados de saúde dos idosos, para apoiar os doentes crónicos e as suas famílias, em tempo de grande dificuldade para o Serviço Nacional de Saúde, se discuta e se apresente como solução a eutanásia; é lamentável que, em vez de se lutar por proporcionar todos os meios disponíveis para se cuidar dos mais idosos, das doenças oncológicas e neuro-degenerativas, haja a preocupação, não em oferecer os melhores cuidados disponíveis e em proporcionar os recursos para que isso aconteça, mas em desprezar os meios de que se dispõe e, em nome de ideologias, proclamar a eutanásia: como um direito. Aquilo por que, na realidade, as pessoas anseiam é experiência profissional, afecto, fuga à solidão, consolo e ajuda, em momentos difíceis, de alguém que as ajude a encontrar sentido para a vida, uma vez que o desejo mais profundo de cada pessoa é viver. Os riscos que a abertura da porta da legalização da eutanásia acarretaria não são de todo calculáveis, como se pode já verificar em países europeus onde a eutanásia foi legalizada. Esperamos que Portugal seja um testemunho na luta pela defesa do valor da vida humana.





## CANTINHO DOS ACÓLITOS

### ALGUNS GESTOS NA EUCARISTIA

Muitas vezes, quando participamos na Eucaristia, há alguns gestos que vemos ou até fazemos, e não sabemos bem o porquê. Aqui ficam, algumas explicações para alguns deles.

**Aspergir** - É o gesto de deitar sobre os fiéis água benta (ou água baptismal), para os abençoar recordando o seu baptismo. É particularmente recomendada no Tempo Pascal e está directamente ligada à bênção da água que tem lugar na Vigília Pascal.

Recorda-nos o baptismo que recebemos. A água adquire neste gesto um duplo significado: é sinal de vida, a vida que Cristo oferece a todos através da sua morte e ressurreição, e é sinal de purificação e de perdão dos pecados.

**Incensar** - Além de criar uma atmosfera agradável e solene, é sobretudo símbolo de oração. Representa a atitude de oferenda diante de Deus: como os grãos de incenso

ardem em contacto com o lume, assim toda a vida do cristão quer *consumir-se* em honra de Deus, num sacrifício quotidiano.

O incenso recorda-nos não só a nossa dignidade de filhos de Deus mas o sacrifício de Jesus na cruz. Durante a Eucaristia incensa-se por diversas vezes.

**Sinal da cruz à leitura do Evangelho** - Na liturgia da palavra a leitura do Evangelho é diferente das outras, sendo-lhe prestadas honras



especiais: o Evangeliário é levado para o ambão em procissão, todos o escutam de pé, etc. Depois da saudação, o sacerdote (ou o diácono) traça com o polegar o sinal da cruz, primeiro sobre o livro e depois sobre ele mesmo: na testa, na boca, no peito. Este sinal é repetido por toda a assembleia.

Com este gesto exprime-se o desejo de santificação dos nossos pensamentos, palavras e obras: um sinal da cruz sobre a testa - pensamentos; outro sobre os lábios - palavras; sobre o peito - sentimentos vontade, obras.

O cristão pede ao Senhor que esta leitura lhe grave na memória e na vida, para poder falar e agir conforme a sua vontade.

**Recolha das ofertas** - O pão e o vinho oferecidos na celebração representam toda a nossa vida: o nosso trabalho, as nossas dores, as nossas alegrias e tudo quanto fazemos pelo amor de Deus e do próximo.

Antigamente além do pão e do vinho traziam-se oferendas

em espécie, que eram depois distribuídas pelos sacerdotes e pelos pobres. Hoje faz-se uma colecta, isto é, recolhe-se dinheiro que é o fruto do trabalho das pessoas presentes. Actualmente, esta oferta, pode ter vários fins, mas sempre relacionados com a vida da comunidade cristã. Com o dinheiro recolhido provê-se às despesas do culto, às necessidades da paróquia, ao sustento dos sacerdotes, à partilha com os pobres.

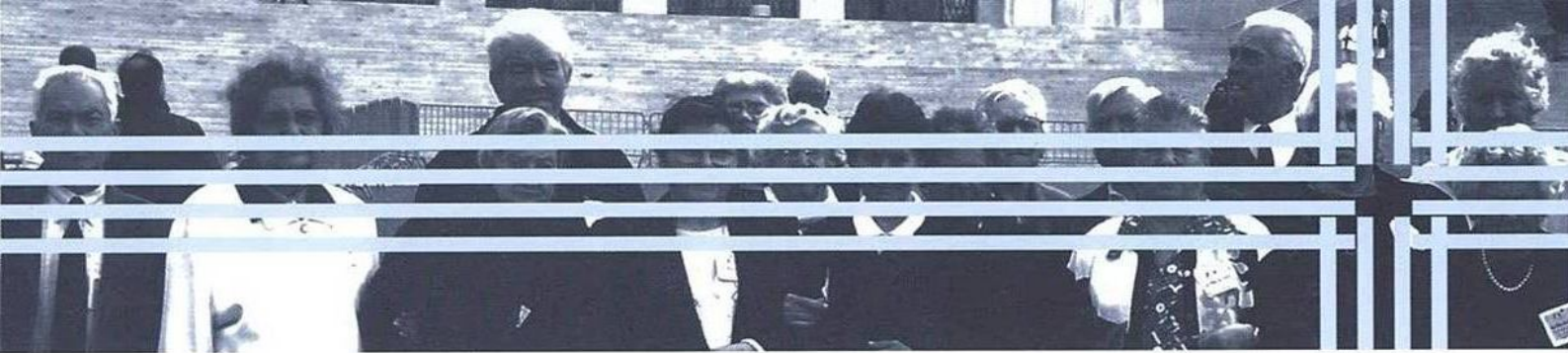
**O sinal da paz** - Símbolo da união dos fiéis no amor. Houve alturas em que os fiéis o trocavam no fim da oração universal ou da oração eucarística.

Actualmente, o rito da paz segue-se à oração dominical (Pai-Nosso), como seu natural prolongamento. Com o sinal da paz queremos estabelecer relações fraternas em Cristo nossa paz. É um gesto que deve ser feito com seriedade, de modo autêntico e cordial.

Santa Páscoa.

Pedro Ribeiro





## IDADE DA SABEDORIA

### «SOLIDARIEDADE SEM FRONTEIRAS»

A Misericórdia é a verdadeira razão da vida. Para o ano de 2016, o Papa Francisco anunciou a celebração de um ano especial - o Ano Jubilar da Misericórdia - para alertar a humanidade sobre a necessidade de acolher, ajudar o próximo e para a reconciliação entre os povos.

O Ano da Misericórdia desperta-nos para cuidar da dignidade e do bem integral das pessoas frágeis.

Numa sociedade egoísta, egocêntrica, onde os valores humanos estão em desuso, é importante alertar para esta

missão, na qual a Igreja tem um papel fundamental.

Neste sentido, o Centro Social Paroquial do Padrão da Légua desenvolve trabalho contínuo na promoção da solidariedade junto da comunidade paroquial, da comunidade envolvente e... não só. Isto porque um tema mediático e que emerge constantemente na actualidade é a crise dos refugiados. Enquanto cristãos, conhecedores da existência de pessoas que (sobre)vivem em condições desumanas e que procuram a paz e a tranquilidade em locais desconhecidos, não

podemos ficar indiferentes.

O CSPPL também não ficou indiferente relativamente à "Pessoa refugiada". Prova é que marcou a sua inscrição no Programa "PAR Famílias" promovido pela Plataforma de Apoio aos Refugiados.

No passado dia 29 de Fevereiro, chegou a Portugal o primeiro grupo de 12 refugiados oriundos da Eritreia. A chegada decorreu em Lisboa, no aeroporto da Portela onde, representantes de algumas instituições os aguardavam ansiosamente. Lá estivemos também a assumir o nosso compromisso e hoje temos connosco, em acolhimento, uma família, constituída por mãe e um bebé de dois meses.

Apesar da barreira linguística que dificulta a comunicação, das contrariedades dos hábitos e dos costumes, das dificuldades burocráticas nos serviços que temos vindo a encontrar, pretendemos fazer o melhor possível, no trabalho que visa o enquadramento e integração desta família na nossa comunidade.

No primeiro contacto que tivemos com a mesma, detetamos a existência de graves problemas de saúde, principalmente no elemento mais novo. Indubitavelmente, a falta de condições higio-sanitárias pelas quais passaram, entre a saída do seu país, ao campo de refugiados em Itália e, por fim, a chegada a Portugal, arrastou algumas complicações no domínio da saúde. Desde então, é preciso cuidar e acompanhar mais atentamente esta família no respectivo domínio.

A vinda desta família gerou uma onda de solidariedade na comunidade, fortalecendo a união e a entreaduda nesta missão.

Todos somos agentes com responsabilidade social, devemos assumir um papel activo na ajuda ao próximo e envolvermo-nos em obras e gestos de solidariedade. Só assim poderemos compreender o outro e encurtar as distâncias que nos separam, porque a vida é um caminho a seguir de coração aberto.

**Marta Cardoso**







EM DESTAQUE

## O NOME DE DEUS É MISERICÓRDIA

***O Papa Francisco tem apresentado neste Ano Jubilar da Misericórdia, Deus como o nome da misericórdia. O jornalista Andrea Tornelli conduziu uma entrevista que temos num livro, uma jóia de leitura indispensável. Transcrevemos algumas passagens.***

*Que é para si a misericórdia?*

Etimologicamente, misericórdia significa abrir o coração ao infeliz. E de imediato nos remete para o Senhor: misericórdia é a atitude divina que abraça, é o dom de Deus que acolhe, que perdoa. Jesus disse que não veio para os justos, mas para os pecadores. Não veio para os saudáveis, que não precisam de médico, mas para os doentes. Por isso pode-se dizer

que a misericórdia é o bilhete de identidade do nosso Deus. Pode-se negar Deus, pode-se pecar contra ele, mas Deus não poderá negar-se a si próprio, Ele permanece fiel.

*Por que razão, segundo o Santo Padre, este nosso tempo e a nossa humanidade precisam tanto de misericórdia?*

Porque é uma humanidade ferida, uma humanidade que tem feridas profundas. Não sabe como as curar ou acredita que não é possível curá-las. E não são apenas as doenças sociais e as pessoas feridas pela pobreza, pela exclusão social, pelas inúmeras escravidões do terceiro milénio. Também o relativismo fere muitas pessoas: tudo parece igual, tudo parece o mesmo. Esta humanidade precisa de misericórdia. Pio XII, há mais de meio século, disse que o problema da nossa época era termos perdido o sentido do pecado, a consciência do

pecado. A isto junta-se atualmente o problema de considerar o nosso mal, o nosso pecado, como incurável, como algo que não pode ser curado e perdoado. Falta a experiência concreta da misericórdia. A fragilidade dos tempos em que vivemos é também esta: acreditar que não existe a possibilidade de redenção, uma mão que te levanta, um abraço que te salva, te perdoa, te anima, que te inunda de um amor infinito, paciente, indulgente; que te volta a pôr no caminho certo. Precisamos de misericórdia. Temos de nos perguntar por que tantas pessoas, homens e mulheres, jovens e idosos de todas as classes sociais, recorrem hoje a adivinhos e a cartomantes. O cardeal Giacomo Biffi citava estas palavras do escritor inglês Gilbert Keith Chesterton: "Quem não acredita em Deus não significa que não acredita em nada, porque começa a acreditar em tudo." Uma vez ouvi uma pessoa dizer: no tempo da minha avó bastava o confessor, hoje em dia muitas pessoas vão aos cartomantes... Hoje procura-se salvação onde se pode.

*Por que é importante confessarmo-nos? O Santo Padre foi o primeiro papa a fazê-lo publicamente durante as liturgias penitenciais na época da Quaresma, em São Pedro... Mas não seria suficiente, no fundo, arrepender-se e pedir perdão quando estivesse sozinho perante Deus?*

Foi Jesus quem disse aos apóstolos: "Àqueles a quem perdoardes os pecados, ficarão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ficarão retidos." (Jo 20,23). Então, os apóstolos e os seus sucessores - os bispos e os sacerdotes seus colaboradores - tornam-se instrumentos da misericórdia de Deus. Agem na pessoa de Cristo. É muito bonito isto. Tem um significado profundo, porque somos seres sociais. Se não fores capaz de falar dos teus erros com o teu irmão, fica a saber que não serás capaz de falar com Deus, e assim acabas por te confessar ao espelho, sozinho. Somos seres sociais, e o perdão também tem um lado social, porque a humanidade, os meus irmãos e irmãs, a sociedade, são também feridos pelo meu peca-





do. Confessarmo-nos perante um sacerdote é uma forma de deixar a vida nas mãos e no coração de outra pessoa, que naquele momento age em nome e por conta de Jesus. É um modo de sermos concretos e autênticos: estarmos perante a realidade, olhando para outra pessoa, e não nos virmos apenas refletidos no espelho. É verdade que posso falar com o Senhor, pedir-lhe perdão, implorar-lhe. E o Senhor perdoa, de imediato. Mas é importante que vá ao confessional, que me coloque perante um sacerdote que personifica Jesus, que me ajoelhe perante a Igreja Mãe, encarregada de espalhar misericórdia de Deus. Existe uma objetividade naquele na minha genuflexão perante o padre que naquele momento é o transmissor da graça que me é conferida e me protege.

*O Santo Padre uma vez afirmou que o confessional não deve ser uma "lavandaria". Que significa? Que pretendia dizer?*

Era um exemplo, uma imagem para ilustrar a hipocrisia

dos que acreditam que o pecado é uma mancha, apenas uma mancha, que basta ir à lavandaria, para lavar a seco e tudo fica como antes. Como se tira a nódoa de um casaco ou de um vestido: põe-se na máquina de lavar e já está. Mas o pecado é mais do que uma mancha. O pecado é uma ferida, que deve ser curada, medicada. Por isso usei essa expressão: tentava sublinhar que confessarmo-nos não é como levar o vestido à lavandaria.

*Que conselhos daria a um penitente para uma boa confissão?*

Que pense na verdade da sua vida perante Deus, que coisa sente, que coisa pensa. Que saiba olhar com sinceridade para si mesmo e para o seu pecado. E que se sinta pecador, que se deixe surpreender por Deus, para que nos preencha com o dom da sua misericórdia infinita, temos de sentir a nossa necessidade, o nosso vazio, a nossa miséria.



*Poderá haver misericórdia sem o reconhecimento do próprio pecado?*

Existe misericórdia, mas se tu não a quiseres receber... Se não te reconheces como pecador quer dizer que não a queres receber, quer dizer que não sentes essa necessidade. Por vezes podes ter dificuldade em perceber o que te aconteceu. Às vezes, podes ser desconfiado, acreditar que não é possível reergueres-te. Ou então, preferes ficar com as tuas feridas, as feridas do pecado e fazes como o cão: lambes com a língua, lambes as feridas. Esta é uma doença narcisista que só traz amargura.

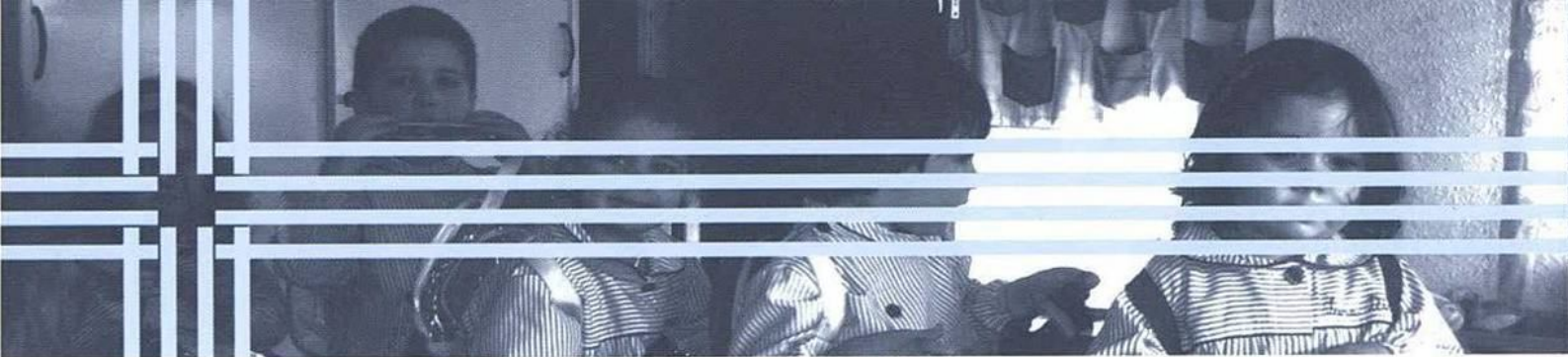
Se não sairmos da nossa miséria, se continuarmos perdidos, se desesperarmos com a possibilidade de sermos perdoados, acabamos por lamber as feridas que permanecem abertas e nunca nos curamos. No entanto, existe o medicamento, existe a cura, se dermos apenas um pequeno passo na direção de Deus ou se tivermos pelo menos o desejo de darmos um pequeno passo na direção de Deus. Basta uma pequeníssima abertura, basta levar a sério a sua própria condição. É também importante conservar a memória, recordar-nos de onde vimos, o que somos, o nosso nada. É importante não pensarmos que somos auto-suficientes.

*Quais são as experiências mais importantes que um crente tem de viver no Ano Santo da Misericórdia?*

Abrir-se à misericórdia de Deus, abrir-se a si mesmo e ao seu coração, permitir que Jesus venha ao seu encontro, aproximando-se com confiança do seu confessional. E tentar ser misericordioso com os outros.

*(continua na página 10)*





É ASSIM NO ENCANTO...

## PAIS SEM MEDO DE ERRAR...

Março é realmente um mês propício a muitas reflexões, principalmente este ano em que se celebra duas grandes festas "O dia do Pai" e a "Páscoa". Ambas têm em comum podermos refletir sobre o Dom da vida.

Vivemos tempos de constantes mudanças e como consequência as heranças culturais, correm o risco de se perderem.

A base dos valores humanos, tão primordiais para a vida, que possibilitam a verdadeira realização pessoal e felicidade tem sido um pouco esquecida. A vivência dos mesmos alicerça o carácter e reflete-se na conduta do ser humano.

Na instituição de ensino urge a necessidade de assumir a

sua responsabilidade, de formar cidadãos esclarecidos, ativos e responsáveis. A necessidade de educar para os valores, não pode ser assumida só na escola mas, em todas as fases da vida do ser humano. Hoje, os pais dão mais cuidados e atenção que seguramente os nossos pais deram. Algumas vezes, em algumas circunstâncias, talvez sejamos um pouco exagerados nos cuidados que temos com os nossos filhos, como se de repente, em vez dos pais serem a Entidade Reguladora das Crianças, elas parecessem a Entidade Reguladora dos Pais. Daí ser fundamental que a família, os pais assumam sem medo de errar, o que é melhor para o seu filho. O que os pais têm de perceber é que não é possível crescer sem dor. Se magoarmos as crianças dizendo "não", são dores que nos empurram para a frente. Muitos pais querem tanto proteger os filhos das dores, que fazem pior. O mimo faz muito bem à saúde e nin-

guém se estraga com mimo, muito pelo contrário. Mas mimar não é dar a comida na boca dos filhos quando têm 5 anos, não é adormecer os filhos todas as noites na cama dos pais, não é levar a mochila até à porta da escola como se fossem mordomos... e não é dizer 'sim' a tudo. O modelo que queremos transmitir é fundamental na educação para os valores. Os pais têm um sexto sentido, absolutamente notável, não podem é desperdiçá-lo. Por isso, é importante refletirmos que os nossos filhos necessitam de brincar. A brincadeira das crianças é um património da Humanidade. Brincar devia ser uma atividade obrigatória para todas as crianças, todos os dias. Muitas crianças neste país têm uma agenda laboral que vai para além do razoável. Para além de todas as atividades extra curriculares desde o pré-escolar, ainda chegamos a casa e usamos as tecnologias como "artefactos que se põem nas mãos das crianças para as sossegar" (Eduardo Sá).

É necessário dar a conhecer às crianças outras realidades que não passam pelos ecrãs. Estudos revelaram que ansiedade, depressão, sono, hipera-

tividade, défice de atenção e isolamento, são consequências de quem passa horas consecutivas em frente aos ecrãs. A par, contam-se algumas doenças físicas, como a obesidade, epilepsia ou as tendinites no polegar que no Japão já merecem tratamento em clínicas da especialidade.

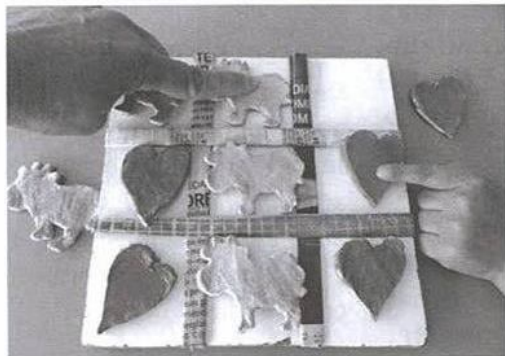
Mas, a boa notícia é que ainda é possível atuar de forma preventiva em Portugal.

A equipa educativa do Jardim de Infância, tem tido presente esta preocupação, ao longo de todo o seu trabalho. Um exemplo disso são os presentes realizados com satisfação, empenho, criatividade e alegria para oferecer ao pai no seu dia. Na sala 4, o grupo de crianças realizou um jogo tradicional "O jogo do galo". Em família vão poder divertir-se estimulando o raciocínio.

Nunca esqueçamos que a criança "APRENDE A BRINCAR" brincando.

Desejo de brincadeiras inesquecíveis com os pais e votos de uma Santa Páscoa.

**Lurdes Carneiro**





DO ATL... COM "ENCANTO"

## COM OS PAIS EM FÉRIAS DE PÁSCOA

Vive-se no CATL um mês intenso, cheio de novidades. O mês de março traz consigo as férias da Páscoa, o passeio anual, o dia do Pai, a entrada da estação da primavera e muitas outras coisas que faz, por isso, deste mês uma altura de emoções fortes e o arranque de coisas muito intensas a realizar e a vivenciar.

Por aqui, a primeira nesta pausa é presenciar trocas de afeto entre pais e filhos no dia 21 de março em que convidamos os pais a vir buscar os filhotes e provar dos biscoitos feitos por eles, e muitas outras surpresas habituais.

E é a respeito desta ligação, que vai a nossa partilha desta vez.

Com alguma frequência ouvimos os pais de hoje falarem das habilidades que os seus rebentos, ainda de tenra idade, fazem frente ao computador. Somos tentados a pensar que os pais de hoje encontraram uma outra forma de estar com os filhos, sentá-los no colo frente ao computador enquanto navegam na NET ou tentam ganhar mais um jogo.

As crianças têm, de facto, capacidades de aprendizagem ilimitadas e as suas com-

petências são, sem dúvida, também reflexo do meio e das experiências que este lhe propicia. Diz-se até que as brincadeiras e os próprios brinquedos das crianças refletem não só os avanços tecnológicos, mas as vivências e o mundo dos adultos.

Não admira, portanto, que a criança rapidamente integre no seu repertório de habilidades o manuseamento do computador.

Mas, se a criança poder escolher entre um jogo no computador ou uma brincadeira com o pai no tapete do seu quarto, talvez se surpreenda quando na maioria das vezes ela optar por brincar consigo no tapete. Nessa altura, mostre-se contente, valorize a brincadeira e deixe-se guiar, pois nada se pode igualar à imaginação e criatividade de uma criança a brincar. Divirta-se tanto como ela. No computador toda a espontaneidade e simbolismos se perdem.

As crianças gostam de brincar umas com as outras, mas guardam bem guardado na sua memória o prazer imen-



so desta atividade com os seus pais. Para além disso, são os pais, durante a brincadeira, quem melhor pode ajudar a criança a crescer e a regular os seus estados emocionais. Brinque no tapete com o seu filho, brinque com os seus carros, conte um conto, dramatize uma história, jogue um jogo de tabuleiro, aceite que ele transforme as brincadeiras no que quiser... enfim... entre no mundo da fantasia dele deixe-se ir para onde ele o levar.

E os resultados serão de momentos de cumplicidade e muita felicidade certamente.

Por cá, iremos dar asas à imaginação e criaremos muitas atividades nesta pausa letiva para que também tenhamos muitos momentos desses.

Até breve, com desejo de uma Santa Páscoa.

**Cristina Barbosa**





## O NOME DE DEUS É MISERICÓRDIA

(continuação da página 7)

*Que pensa de quem confessa sempre os mesmos pecados?*

Quando se entende como a repetição quase automática de um formulário, acho que o penitente não está bem preparado, não teve uma boa catequese, não sabe fazer o exame de consciência e não conhece os muitos pecados que se cometem e dos quais ele não se apercebe... Gosto muito da confissão das crianças, porque não são abstratas, descrevem realmente como a situação ocorreu. Fazem-nos rir. São simples: dizem o que aconteceu, sabem que aquilo que fizeram está mal.

Se existe uma repetição que se torna um hábito, é como se não conseguisse crescer na consciência de si próprio e do Senhor; é como se não reconhecesse ter pecado, ter feridas para curar. A confissão como rotina é um pouco o exemplo da lavandaria de que falava antes. Quantas pessoas feridas, mesmo psicologicamente, que não o reconhe-

cem estar.

Outra situação é quem reincide no mesmo pecado e sofre com isso, quem tem dificuldade em se levantar. Existem tantas pessoas humildes que confessam as suas reincidências. O importante na vida de cada homem e de cada mulher é nunca cair ao longo do percurso. O importante é reerguer-se sempre e não ficar no chão a lamber as feridas. O Senhor da misericórdia perdoa-me sempre, por isso oferece-me a possibilidade de recomeçar sempre. Ama-me por aquilo que sou, quer reerguer-me, estende-me a Sua mão. Esta é também uma função da Igreja: fazer com que as pessoas percebam que não existem situações das quais não se podem reerguer, pois enquanto estivermos vivos é sempre possível recomeçar, se permitirmos que Jesus nos abrace e nos perdoe.

*O Santo Padre disse várias vezes: "Deus nunca se cansa de perdoar, somos nós que nos cansamos de lhe pedir perdão." Por que razão Deus*

*nunca se cansa de nos perdoar?*

Porque é Deus, porque Ele é misericórdia, e porque a misericórdia é o primeiro atributo de Deus. É o nome de Deus. Não existem situações de onde não podemos sair, não somos condenados a afundar-nos nas areias movediças, nas quais quanto mais nos mexemos mais nos afundamos. Jesus está ali, com a mão estendida, preparado para nos agarrar e para nos tirar da lama, do pecado, até do abismo do mal em que caímos. Temos apenas de ter consciência do nosso estado, ser honestos connosco e não lamber as nossas feridas. Pedir a graça de nos reconhecer como pecadores, responsáveis por aquele mal. Quanto mais reconhecermos que precisamos de ajuda, mais nos envergonhamos e nos humilhamos, mais depressa somos inundados com o seu abraço de Graça. Jesus espera-nos, precede-nos, estende-nos a mão, tem paciência connosco. Deus é fé.

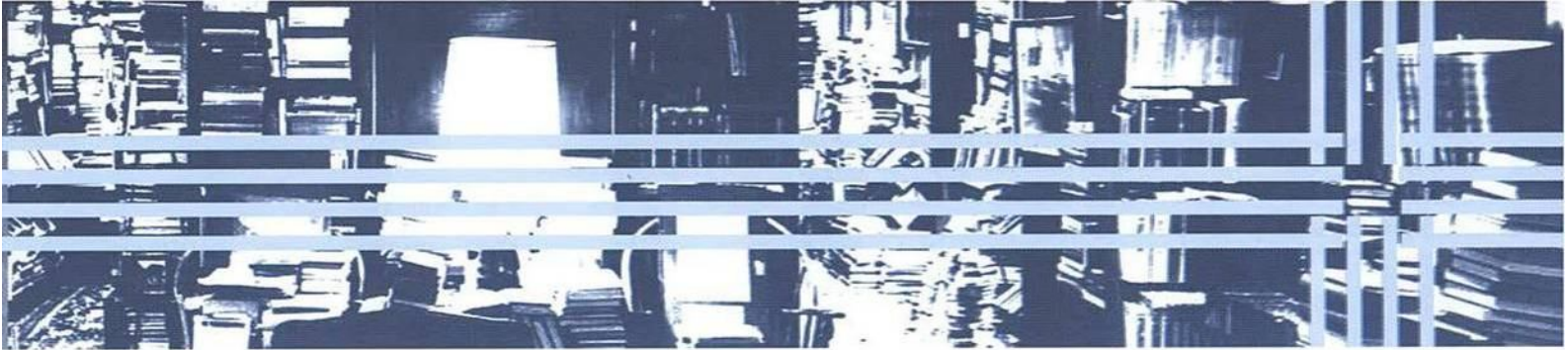
A misericórdia será sempre maior do que qualquer pecado, ninguém pode impor um

limite ao amor de Deus que perdoa. Se olharmos apenas para Ele, se apenas levantarmos o olhar humilde sobre o nosso eu e sobre as nossas feridas e deixarmos pelo menos uma abertura à ação da sua Graça, Jesus faz milagres também com o nosso pecado, com aquilo que somos, com o nosso nada, com a nossa miséria.

*Como se pode ensinar a misericórdia às crianças?*

Habitando-as às histórias do Evangelho, às parábolas. Dialogando com elas e, sobretudo, fazendo-as experienciar a misericórdia. Fazendo-as perceber que na vida é possível enganarmo-nos, mas que o importante é levantar-mo-nos sempre. A família é o hospital mais próximo: quando alguém está doente vai ali curar-se até quando deixar de ser possível. A família é a primeira escola das crianças, é o ponto de referência imprescindível para os jovens, é o melhor lar para os idosos. Acrescento que a família é também a primeira escola da misericórdia, porque se é amado e se aprende a amar, se é perdoado e aprende-se a perdoar.





## O ESTRANHO DIREITO A MORRER COM DIGNIDADE

Foi apresentado, aqui no Porto, um manifesto de dezenas de personalidades no sentido de garantir juridicamente o direito a morrer com dignidade. Com o devido respeito pelas pessoas que o assinam, algumas observações não podem deixar de ser feitas sobre o assunto.

Tanto quanto foi dito pela comunicação social, trata-se de avançar com uma proposta legislativa para despenalizar juridicamente a administração de um fármaco letal a uma pessoa moribunda ou de o fornecer a uma pessoa que esteja ainda em condições de o tomar por si mesmo. No primeiro caso, trata-se da eutanásia e, no segundo, de um suicídio assistido.

As pessoas são livres de propor essas medidas. Isso está fora de questão. E uma proposta dessas parece mesmo muito conforme com uma certa índole dos tempos que vivemos. Não faltará quem se arrole imediatamente

num movimento que parece de bom tom integrar. E, no entanto, quem o subscreve há-de também ser suficientemente racional para admitir que lhe possam ser feitas perguntas e objecções com tanta sinceridade com a que manifestam ao sair a terreiro com a ideia.



A primeira objecção que se coloca é que, de facto, essa reivindicação é um regresso ao passado e não uma invenção do futuro. De facto, no mundo clássico grego e latino, essa prerrogativa era amplamente reconhecida às pessoas com mais notoriedade cívica e talvez o fizessem com grandeza de alma. Mesmo os que não se encontravam em estado terminal.

Sucedem que hoje não nos encontramos numa situação semelhante. A medicina veio em socorro das pessoas com terapias oportunas para nos permitir morrer com dignidade e sem dores, sem necessidade de atentar contra a própria vida ou contra a dos outros. Por isso, parece

legítimo, em segundo lugar, perguntar se é sensato voltar a esse passado, trágico em boa medida, em que o indivíduo, oprimido pelas circunstâncias, não tinha outra saída que não fosse morrer para afirmar a sua autonomia.

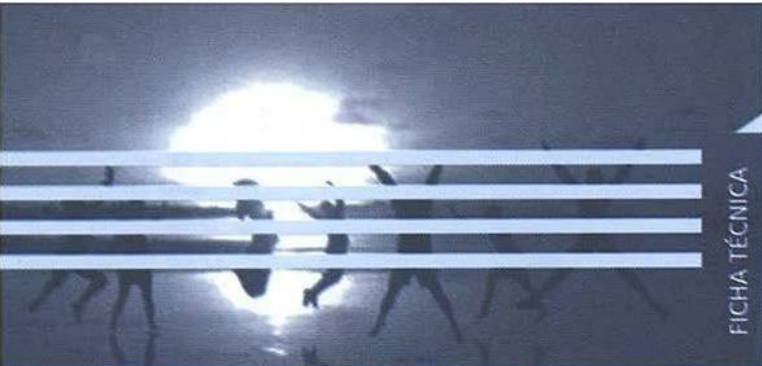
Mas uma terceira objecção se pode formular, de forma um pouco mais complexa. O

caminho da liberdade como virtude que a melhor modernidade se esforçou por justificar e fazer reconhecer civicamente, inclui mesmo o estranho direito a dar-se a morte? Ou dito de outro modo: qual será a via mais conforme com o reforço da subjectividade da pessoa? Será o estranho direito de morrer uma afirmação do valor da subjectividade uma alienação dele? Hanna Arendt escreveu, no longínquo ano de 1958, um estranho livro chamado "A condição humana" em que analisa os aspectos da cultura recente que possibilitam e possibilitaram o aparecimento dos totalitarismos. Entre essas condições encontra-se o esvaziamento da subjectividade do cidadão trabalhador, iludido por uma ideia trivializada de imortalidade.

Que nos perdoem os subscritores do manifesto se lhe não damos o nosso assentimento enquanto não tivermos uma resposta para esta pergunta.

Jorge Teixeira da Cunha  
(in Voz Portuguesa)





## O GRITO DO PROFETA

## LENÇOS BRANCOS



Jean, vinte anos, tinha feito uma canalhice imunda aos seus pais.

Então, o pai disse-lhe: “Jean, sai e nunca mais voltas a entrar! Nunca mais ponhas os pés cá em casa!”

Jean saiu, com a morte na alma. Algumas semanas mais tarde, disse para si mesmo: eu fiz porcarias da grande, vou pedir perdão ao meu velho...

E então escreveu ao pai: “Pai peço-te desculpa. Fui nojentito e um sacana do piorio contigo, mas achas que me podes perdoar? Não te escrevo a minha morada nesta carta, mas se me puderes desculpar põe um lenço branco pendurado na macieira que está à frente de casa. Tu sabes qual é, a última da longa alameda de macieiras que leva à casa. Nesta última árvore pendura um lenço branco. Assim saberei se posso voltar a casa”.

Morto de medo, pensava: “O meu pai nunca irá colocar lá esse lenço branco”.

E foi então que pediu ao seu amigo Marc: “Suplico-te que venhas comigo e fazemos assim: eu vou conduzir até quinhentos metros antes da casa e depois passo-te o volante. Depois fecho os olhos. Lentamente tu vais descer essa alameda de macieiras e vais parar na última. Se vires o lenço branco pendurado, dizes-me e saio a correr. Se não, continuarei de olhos fechados e vamos embora. E não voltarei nunca mais a casa, como o meu pai disse”.

E assim fizeram.

A quinhentos metros da casa, Jean passa o volante a Marc e fecha os olhos. Lentamente, Marc desce a alameda das macieiras. Depois pára. E Jean, com os olhos sempre fechados, diz: “Marc, o meu pai pôs um lenço branco pendurado na macieira?”

Marc responde-lhe: “Não, não pôs um lenço branco na macieira diante da casa... há centenas em todas as macieiras que levam a casa!”